

# As diversas faces do desejo nos tratamentos de reprodução assistida

Katya de Azevedo Araújo<sup>1</sup>  
Mara Horta Barbosa<sup>2</sup>  
Patrícia Mazeron<sup>3</sup>  
Renata Viola Vives<sup>4</sup>

**Resumo:** Ao longo da obra freudiana, o conceito de desejo vai sendo delimitado e assumindo diferentes coloridos, principalmente quando falamos do desejo de filho na mulher, desejo este que pode ser de predomínio narcísico ou de predomínio edípico. Estes predomínios podem mostrar-se mais evidentes quando estamos diante de mulheres que buscam os tratamentos de reprodução assistida, criando diferentes formas de vínculos. Também observamos, em algumas mulheres, uma outra forma de tentar engravidar que parece mais ligada a um acúmulo de excitação e de investimento, em que os órgãos corporais são fonte e objeto da pulsão, o que nos remete à ideia de libido intrassomática. Este trabalho tem como objetivo apresentar as diferentes faces do desejo e levantar questões sobre uma outra forma de expressão que estaria ligada à gravidez quase como uma mera descarga corporal, ligada à libido intrassomática, usando, para tanto, ilustrações clínicas.

**Palavras-chave:** Conservação da espécie. Desejo. Pulsão de autoconservação. Reprodução assistida.

---

<sup>1</sup> Membro Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

<sup>2</sup> Membro Associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

<sup>3</sup> Membro Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

<sup>4</sup> Membro Associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

## 1 Revisão do conceito de desejo

O conceito de desejo, na teoria freudiana, aparece mais na primeira tópica e é nela que Freud implanta a teoria representacional. Quando falamos de desejo, falamos de investimento da representação, sendo que é esta (a representação) que caracteriza o fenômeno psíquico. O desejo nasce quando ocorrem as primeiras vivências de satisfação, com a formação do aparato psíquico, ou seja, o surgimento do desejo inaugura o psiquismo e será o motor deste aparato.

Segundo Valls (1995) a experiência de satisfação funda um complexo representacional que se apresenta com três tipos de representações:

- a) a representação do objeto de satisfação, ou seja, a primeira que se ativa quando se reanima o desejo;
- b) a representação dos movimentos que se fizeram com este objeto e o que este fez;
- c) a representação da sensação de descarga.

Por outro lado, temos a necessidade, que deixa registros na memória, sendo que estes ficam associados às percepções geradas pela experiência de satisfação (imagens mnêmicas). Na próxima aparição da necessidade, em função do enlace estabelecido, ocorre um movimento psíquico que irá buscar investir novamente na imagem mnêmica, ou seja, reestabelecer à situação da primeira satisfação.

[...] uma moção desta índole é o que chamamos desejo; a reaparição da percepção é o cumprimento do desejo e o caminho mais curto para este é o que leva desde a excitação produzida pela necessidade até o investimento pleno da percepção (FREUD apud VALLS, 1995, p. 194).

O desejo é o desejo de voltar a reviver a experiência de satisfação, aquela primeira vivida no vínculo com o outro e que agora é o objeto desejado, sonhado, almejado. “Cada vivência de satisfação irá deixando novos desejos; as pulsões de autoconservação vão ficando mais repetitivas enquanto o objeto será mais fixo” (VALLS, 1995, p. 194).

Já as pulsões sexuais irão mudando os desejos conforme as zonas erógenas do período até chegarem à supremacia fálica, quando se organizam em uma direção e ocorre a eleição de objeto, que por ser incestuoso deverá ser reprimido. O objeto das pulsões sexuais irá se modificando ao longo do desenvolvimento, mas vai diminuindo conforme vai produzindo fixações, podendo ficar no próprio corpo.

A escolha de objeto sexual (externo) se sustenta em parte nas pulsões de autoconservação e em parte no próprio corpo, onde o objeto deixou seus registros. Então “a história do corpo e sua representação irão definindo o eu” (VALLS, 1995, p. 195).

Os desejos inconscientes dos objetos poderão chegar ao pré-consciente, a partir do período pré-edípico, pois com a aquisição da linguagem, podem ligar-se às representações de palavra, manifestando assim os desejos pré-conscientes. Depois do complexo de Édipo, o aparato psíquico se cindirá e múltiplos desejos (incestuosos, parricidas e os infantis) serão reprimidos, passarão ao estado de inconscientes e lá permanecerão (VALLS, 1995, p. 195).

O ego tira o investimento da representação-palavra, nega sua existência e não reconhece os desejos como seus. Mas estes desejos permanecerão querendo retornar, diretamente ou por meio de deslocamento pré-consciente que os representem e, ao mesmo tempo, evitem a censura. Esse retorno origina os sonhos, atos falhos, sintomas neuróticos, etc.

Em termos gerais, para Valls (1995), quando nos referimos a desejo inconsciente nos referimos a desejo sexual, mesmo que a posse de representação (de coisa e de palavra) dê à pulsão de autoconservação característica desejante.

Segundo Freud (1915 apud VALLS, 1995), não pode haver desejo correspondente à pulsão de morte, pois não há no inconsciente representação coisa desta (morte). É uma contradição falar de uma vivência de morte que deixe sua marca no aparato psíquico. O que pode acontecer é uma necessidade inconsciente de castigo que provém do superego.

Paradoxalmente sabemos da existência de uma pulsão de morte *muda*, que se falasse seria através das representações (de coisa e de palavra) do desejo sexual, com o qual está misturado.

O conceito de desejo se confunde com o de pulsão, bem como o de libido sexual, mas são coisas diferentes. Pulsão, para Freud (1915, p. 117 apud VALLS, 1995, p. 470), “é um conceito limite entre o somático e o psíquico”. O desejo relaciona-se mais com o lado das representações. Por isso Freud fala em *satisfação alucinatória de desejo* e não em *satisfação alucinatória de pulsões*.

Valls (1995), ao diferenciar os conceitos de libido e desejo, nos aponta a dificuldade em falar de desejo narcísico puro, pois afirma que poderia fazê-lo como extensão do conceito de desejo homossexual, mas que mesmo assim ainda estaria referindo-se a um objeto. Exemplifica esta afirmação com a dependência da criança ao amor do objeto no período de latência em que pode tomar para si, como próprios, os desejos do objeto. A criança, em geral, resigna suas pulsões para garantir o amor materno.

Conforme Valls (1995), poderíamos pensar, portanto, que a necessidade do amor do objeto não é narcisista no sentido mais restrito do termo, uma vez que desejar ser amado pelo objeto, ou desejar ser o ideal, está constituído por marcas de objetos do passado infantil ou da onipotência perdida. Assim, “são desejos narcisistas, porém nunca falta o rastro do objeto em todas as complexizações do desejo” (p. 198).

De acordo com Hanns (1996), *Wunsch* é um substantivo que é traduzido por desejo, sendo que este se dirige ao que é almejado, diferenciando-se no texto freudiano de *Lust*, que significa vontade, desejo e prazer e de *Begierde*, que representa desejo intenso, sofreguidão.

O termo é utilizado para expressar algo menos imediato, objetos que se apresentam para o sujeito como um ideal, algo sonhado, sendo este de caráter imaginário. Difere-se do sentido em português, em que desejo é usado como um querer mais imediato e referindo-se também à sexualidade, sentido este que não está contido em alemão.

Tanto no *Projeto para psicologia científica* (1895) quanto na *Interpretação dos sonhos* (1900) Freud, de acordo com Hanns (1996) usa o termo *Wunsch* no sentido de desejo alucinatório. Coloca ainda em 1900 que nada senão o desejo pode colocar nosso aparelho anímico em ação. O termo *Wunsch* está presente na obra de Freud desde suas primeiras formulações sendo que é no texto da *Interpretação dos sonhos* que é elaborado mais detalhadamente.

Hanns (1996) salienta que de forma geral pode-se dizer que o *desejo* circula preponderantemente na esfera representacional, nas regiões do *pensamento*, do *sonho*, da *fantasia*, do *idealizado*, do *imaginado*, do *alucinado* e da *loucura*. Segundo o mesmo autor, Freud muito raramente emprega o termo *satisfação* (*Befriedigung*) em conexão com desejo (*Wunsch*), sendo a palavra *realização* como também a palavra *desejo* pertencentes à esfera do idealizado, do almejado e do anímico.

A pulsão em si não tem desejo, é uma força, uma intensidade que busca a descarga, o desejo sim, busca satisfação. Segundo Hanns (1996), a pulsão é inquietante e aguilhoa o sujeito, necessitando ser apaziguada; sua meta é obter o prazer (*Lust*) desconsiderando qualquer mediação. Sua expressão mais imediata é *Lust* (desejo-vontade e sensação de prazer). Sendo uma manifestação mais direta do *Trieb*, o qual desconsidera a realidade, o *Lust* constitui-se numa *tendência* ou *vontade* e não propriamente num *desejo*. Esta expressa uma vontade do corpo de forma direta, quase sem mediação do objeto. Enquanto a *Lust* é de cunho mais autoerótico, o *Wunsch* se dirige a um objeto investido e imaginado, o qual faz a triangulação entre *Wunsch* e a *Lust*.

## 2 A pulsão de autoconservação e a conservação da espécie

Na busca pela reprodução assistida vemos, por vezes, pacientes recorrendo à tecnologia de forma quase irracional, chegando a dispor, para isso, não só de todo o montante de seus bens materiais, mas também da integridade física do próprio corpo.

Joana tem 44 anos. Fez quatro fertilizações *in vitro*, com doação de sêmen, porque desejava ser mãe. Não obteve sucesso. Estava encaminhando-se para o quinto procedimento, quando foi internada às pressas. Estava com colesterol altíssimo, com problemas renais e hepáticos devido à sobrecarga de medicamentos. Entrou em coma. Quase morreu, porém relata que em nenhum momento deu-se conta da gravidade da situação, pois só tinha em mente *ser mãe*. Atualmente, em parte recuperada dos problemas de saúde, pensa em adotar uma criança para alcançar seu objetivo.

Para Maldavsky (2000) o corpo é uma unidade complexa, sendo possível precisar sua função e sua eficácia na constituição, desenvolvimento e atividade da vida anímica e nos processos subjetivos. Em primeiro lugar, o corpo tem valor de fonte química da pulsão e também de objeto da mesma; também funciona como estrutura que processa as excitações das fontes pulsionais. Essa estrutura carrega um saber filogenético, que é inerente à espécie e que predetermina certas orientações universais na vida psíquica. Por último, o corpo é o lugar de diversas ações com as quais se pretende tramitar as exigências endógenas. O corpo também pode sofrer alterações como consequências dos conflitos, sobretudo as somatizações.

É na superfície corpórea e por suas sensações de prazer e desprazer que Freud (1905) definiu as zonas erógenas, sendo que a constituição de uma zona erógena requer processos projetivos e de excitações periféricas.

Para Maldavsky (2000), as erogeneidades oral, anal e uretral são ordenadoras de um conjunto vasto de outras sensualidades, sensorialidades e motricidades de caráter ativo ou passivo. A tudo isso se agrega a erogeneidade fálica, possivelmente a única não acoplada a autoconservação. Por fim, também se juntará a isso uma erogeneidade genital, que implica um desempenho na conservação da espécie.

A pulsão de conservação da espécie, que se liga com a erogeneidade fálico-genital, quando sobrevêm as mudanças da puberdade, pode estar a serviço de neutralizar a pulsão de morte. Ela predetermina o valor de cada erogeneidade no marco da reprodução e reúne em torno da autoconservação e da sexualidade um saber filogenético. Essa pulsão pode entrar em luta com alguma pulsão parcial,

bem como pode entrar em conflito com a pulsão de autoconservação quando a procriação resulta numa ameaça direta ou indireta à própria vida. Sobretudo, a pulsão de conservação da espécie se opõe à pulsão de morte, onde já não se trata de preservar uma vida singular e sim de preservar a espécie, da qual cada corpo é um representante.

Lembremos também que para o mesmo autor, a libido pode ficar fixada a uma fase inicial do desenvolvimento e, portanto, investir duramente os órgãos internos, criando processos tóxicos.

A substituição do princípio do prazer-desprazer pelo do masoquismo como orientador da sexualidade leva a uma estase da pulsão, seja da sexualidade ou da autoconservação, ou ambas ao mesmo tempo. A estase é entendida como a impossibilidade de tramitação psíquica, sobretudo orgânica, para uma erogenicidade dada. Se a estase afeta o narcisismo, de acordo com Freud, podem dar-se manifestações hipocondríacas; se diz respeito à libido objetual, surgem sintomas de neurose atual. A questão que se apresenta é que essas experiências podem ou não ser reprocessadas psiquicamente e podem ter um caráter transitório ou duradouro. Por vezes irão surgir estados de angústia automática, atribuídas ao desvalimento psíquico ante a pulsão sexual.

Maldavsky (1994), quando propõe as *patologias do desvalimento*, coloca que essas pessoas carecem de uma vida fantasmática, e que essa carência simbólica se traduz por uma falha no registro dos afetos e, conseqüentemente, o empobrecimento da subjetividade. A raiz disso, ainda segundo o autor, seriam falhas estruturais ocorridas nos primórdios da vida do sujeito, nas quais sua economia pulsional está voltada para manter o equilíbrio das funções orgânicas basais (temperatura corporal, frequência cardíaca, frequência respiratória, etc.). Ou seja, uma época regida pela demanda (corporal) anterior ao desejo. O autor diz que a satisfação dessa demanda e manutenção do equilíbrio homeostático depende de um ambiente empático e continente ao sujeito. Havendo falha nesta função do ambiente, o ego primitivo do bebê fica à mercê de um *quantum* de energia que é incapaz de processar, levando ao traumático (por excesso) e a um *transbordamento* dessa energia para o corpo, que é então tomado como objeto de catexia da pulsão. Maldavsky (2000) nomeia essa fase de fase libidinal intrassomática, em que a libido está a serviço do equilíbrio orgânico.

Scherer et al. (2013) coloca que pacientes desvalidos são desprovidos de uma demanda psíquica e geralmente chegam a tratamento por questões clínicas, ligadas ao corpo. Postulam que a defesa característica da fixação à fase libidinal intrassomática é a desestimação do afeto, podendo estar associado também à desestimação da realidade e/ou instância paterna e a desmentida, o que caracteriza

então os quadros de desvalimento. É o fracasso de um desses mecanismos de defesa que levaria a algum desequilíbrio orgânico, que gera então a busca de algum tipo de tratamento clínico.

Freud em 1894 já apresentava a ideia de uma defesa muito mais poderosa e bem-sucedida, na qual o ego rejeitaria a representação incompatível, juntamente com seu afeto, e se comportaria como se a representação jamais tivesse existido.

Essa busca desmedida, que não observa nem mesmo os limites da própria saúde corporal, faz questionar seu fim em si, que é a gestação e o futuro bebê. O que se observa, é que o bebê imaginário aparece muito pouco neste cenário, quase ausente no discurso, que é pontuado por ecografias, medicações, exames laboratoriais e prazos. Isso leva ao questionamento se haveria um suporte simbólico sustentando essa busca que não respeita nem mesmo a própria integridade corporal do sujeito, podendo levar até a morte em nome da vida.

Perpassando pelas diversas faces do desejo, nos deparamos com o desejo narcísico, com o desejo edípico e nos questionamos sobre que desejo, se é que poderíamos chamá-lo assim, sustenta essa busca por um filho a qualquer preço e a qualquer custo, colocando a própria vida em risco?

Seria possível inferir que algumas das mulheres inférteis que buscam reprodução assistida possam fazê-lo movidas não por um desejo, mas por uma demanda – necessidade (orgânica) característica da fixação intrassomática, busca esta ligada à descarga pulsional somática, onde o corpo é o objeto da pulsão, que é levado até a exaustão? Ou a busca por tratamentos de reprodução assistida que chegam a pôr em risco o autoconservativo tem como motivação primordial a conservação da espécie, ou seja, isso que se encontra inscrito em cada um de nós, filogeneticamente?

Na tentativa de apreender a motivação que impulsiona a mulher na busca pela maternidade, talvez nos escape ou neguemos uma *ordem interna* que possa estar intimamente imbricada nesta busca. Referimo-nos aqui a algo relacionado ao inato. O homem antes de tudo é um ser biológico.

Se pudermos pensar que em uma situação hipotética de extremo estresse e risco de vida todos os preceitos éticos e morais do indivíduo ficam abalados, levando-o a agir de forma irracional para manter a própria sobrevivência ou de sua espécie, não temos como negar que também somos guiados por forças instintivas que não domamos.

É possível pensarmos que talvez estejamos negligenciando estas forças e mandatos filogenéticos, relacionados à maternidade e perpetuação da espécie.

Estes são questionamentos que levantamos e seguimos a pensar a partir da teoria e da clínica.

## The many faces of desire in assisted reproduction treatment

**Abstract:** Throughout Freud's work the concept of desire is defined and assumes different shades, especially when the issue is the women wish for child, a wish that can be of a narcissistic or oedipal predominance. These instances of predominance may prove more evident when one deals with women seeking assisted reproduction treatments, creating different types of bonds. We have also observed in some women another way of trying to get pregnant which seems more connected to a buildup of excitement and investment, in which the bodily organs are the source and the object of the drive, which brings us to the idea of intrasomatic libido. This work aims to present the different sides of the desire and raise questions about another form of expression that would be connected to pregnancy almost as a mere body discharge, connected to the intrasomatic libido, and clinical illustrations will be used for this purpose.

**Keywords:** Assisted reproduction. Desire. Preservation of the species. Self-preservation drive.

## Referências

FREUD, S. (1894). As neuropsicoses de defesa. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas de Sigmund Freud**. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

\_\_\_\_\_. (1895). Projeto para uma psicologia científica. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas de Sigmund Freud**. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

\_\_\_\_\_. (1900). Interpretação dos sonhos. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas de Sigmund Freud**. v. 4. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas de Sigmund Freud**. v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HANNS, Luiz Alberto. **Dicionário comentado do alemão de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

MALDAVSKY, D. **Pesadillas em vigília**. Buenos Aires: Amorrortu, 1994.

\_\_\_\_\_. **Lenguaje, pulsiones, defesas**. Buenos Aires: Nueva Vision, 2000.



SCHERER, C. et al. Des-afetos: pensando as patologias do desvalimento. **Psicanálise: Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre**, v. 14, n. 2, 2013.

VALLS, Jose Luis. **Diccionario freudiano**. Madrid: Julian Yebenes, 1995.

KATYA DE AZEVEDO ARAÚJO  
Rua Tobias da Silva, 137 / 208  
90570-020 Porto Alegre – RS – Brasil  
e-mail: [katyaaraujo@terra.com.br](mailto:katyaaraujo@terra.com.br)

MARA HORTA BARBOSA  
Rua Dona Laura, 354 / 306  
90430-091 Porto Alegre – RS – Brasil  
e-mail: [maracarlet@gmail.com](mailto:maracarlet@gmail.com)

PATRICIA MAZERON  
Av. Independência, 172 / 403  
90035-904 Porto Alegre – RS – Brasil  
e-mail: [patriciamazon@terra.com.br](mailto:patriciamazon@terra.com.br)

RENATA VIOLA VIVES  
Rua José Gomes, 393  
91910-280 Porto Alegre – RS – Brasil  
e-mail: [renatavives@gmail.com](mailto:renatavives@gmail.com)